



**XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB**

**ISSN 2177-3688**

**GT- 4 – Gestão da Informação e do Conhecimento**

**A GESTÃO DO CONHECIMENTO E OS SABERES TRADICIONAIS: UMA REFLEXÃO SOBRE A ECONOMIA DO CONHECIMENTO NOS PRODUTOS REGIONAIS DA AMAZÔNIA NA PLATAFORMA ORIGENS BRASIL®**

***KNOWLEDGE MANAGEMENT AND TRADITIONAL KNOWLEDGE: A REFLECTION ON THE KNOWLEDGE ECONOMY IN REGIONAL PRODUCTS FROM THE AMAZON ON THE ORIGINS BRASIL® PLATFORM***

**Diego Leonardo de Souza Fonseca. UEL.**

**Thais Batista Zaninelli. UEL.**

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Introdução: A proposta desse artigo é analisar o ecossistema de inovação e o fluxo da gestão do conhecimento no contexto da rede de colaboração no processo de desenvolvimento dos produtos regionais da Amazônia, registrados na plataforma Origens Brasil. Objetivos: Analisar as relações de influência entre a Gestão do Conhecimento e os saberes tradicionais no contexto das cadeias produtivas de sociobiodiversidade na Amazônia de produtos oriundos dos povos tradicionais que estão registrados na plataforma Rede Origens Brasil, sob a perspectiva das potencialidades de uma nova economia do conhecimento na Amazônia. Metodologia: Tratou-se de uma pesquisa bibliográfica e documental. Resultados e discussões: Foram identificados e categorizados quatro produtos regionais analisados na plataforma Origens Brasil: (i) Cervejaria Amazônica (Xingu), (ii) Pães Grão Sabor (Calha do Norte), (iii) Pimenta Baniwa (Rio Negro) e (iv) Artesanato Molongó (Solimões). A rede ecossistêmica de atores apresenta a seguinte composição: (i) coletores, produtores (ii) articuladores ou mediadores de inovação (iii) investidores ou financiadores (iv) colaboradores científicos (v) revendedor. Considerações Finais: Infere-se que essas discussões se demonstram interessantes para a CI, uma vez que os estudos sobre a GC em comunidades tradicionais podem corroborar para ampliar as perspectivas sobre o papel dessas comunidades no desenvolvimento socioeconômico por meio dos seus saberes tradicionais tangibilizados em serviços e produtos para a sociedade.

**Palavras-Chave:** Gestão do Conhecimento. Saberes Tradicionais. Economia do Conhecimento. Amazônia. Origens do Brasil.

**Abstract:** Introduction: The purpose of this article is to analyze the innovation ecosystem and the flow of knowledge management in the context of the collaboration network in the development process of regional products from the Amazon, registered in the Origens Brazil platform. Objectives: To analyze the influence relations between Knowledge Management and traditional knowledge in the context of the productive chains of sociobiodiversity in the Amazon of products from the traditional peoples that are registered in the platform Origens Brazil Network, under the perspective of the potentialities of a new economy of knowledge in the Amazon. Methodology: This was a bibliographic and documental research. Results and discussions: Four regional products analyzed in the Origens Brazil platform were identified and categorized: (i) Cervejaria Amazônica (Xingu), (ii) Grão Sabor Bread (Calha do Norte), (iii)



Baniwa Pepper (Rio Negro) and (iv) Molongó Handicraft (Solimões). The ecosystemic network of actors presents the following composition: (i) collectors, producers (ii) articulators or innovation mediators (iii) investors or financiers (iv) scientific collaborators (v) retailer. Final Considerations: It is inferred that these discussions prove to be interesting for CI, since studies on KM in traditional communities can contribute to broaden the perspectives on the role of these communities in socioeconomic development through their traditional knowledge made tangible in services and products for society

**Keywords:** Knowledge Management. Traditional Knowledge. Knowledge Economy. Amazon. Origins Brazil.

## 1 INTRODUÇÃO

A geração de serviços e produtos por meio da valorização do conhecimento tem impulsionado o desenvolvimento de novas cadeias de produção, tendo como objetivo buscar novas alternativas de negócios com base em insumos estratégicos que englobem os processos sociais, tecnológicos e culturais para o fomento de uma economia mais sustentável. A denominada sociedade do conhecimento (BURCH, 2005) tem configurado a sua estrutura em uma sistemática cada vez mais interligada às redes de colaborações e interações, no qual o conhecimento, seja ele individual ou coletivo, tornou-se o alicerce dessa estrutura.

Com base no conceito de “floresta em pé”, que trata de uma economia baseada no uso dos recursos florestais para gerar renda aos povos viventes na floresta com base em um planejamento sustentável, algumas iniciativas governamentais em parceria com instituições de pesquisa e outros atores sociais têm observado um cenário de potencialidades nas cadeias produtivas de sociobiodiversidade em produtos desenvolvidos a partir dos saberes tradicionais de comunidades tradicionais, dentre estes as comunidades indígenas, os extrativistas, ribeirinhos e quilombolas.

Nas discussões na área da Ciência da Informação (CI), por meio da Gestão do Conhecimento (GC), infere-se que pode haver uma dinâmica de relações entre os fluxos de conhecimento oriundos dos saberes tradicionais e influenciado pelo conhecimento científico na cadeia de desenvolvimento desses produtos, no qual pode ser observado à luz da compreensão dessas possíveis intersecções.

O estudo partiu do seguinte problema: Quais as relações entre a GC e os saberes tradicionais no processo de potencialização de uma nova economia do conhecimento na Amazônia presentes em produtos oriundos das comunidades tradicionais? Para tal, focou-se para uma plataforma que sistematiza, organiza e registra alguns produtos regionais da Amazônica, procedente dos conhecimentos tradicionais dos povos originários.



Posto isto, o presente artigo tem como objetivo analisar as relações de influência entre a Gestão do Conhecimento e os saberes tradicionais no contexto das cadeias produtivas de sociobiodiversidade na Amazônia de produtos oriundos dos povos tradicionais que estão registrados na plataforma Rede Origens Brasil, sob a perspectiva das potencialidades de uma nova economia do conhecimento na Amazônia, bem como identificar os produtos originados dos recursos da floresta que preservam o meio ambiente e os saberes locais; mapear os atores envolvidos no processo, verificar como se dá a gestão do conhecimento e o fluxo de conhecimento entre esses atores.

Nesse sentido, a pesquisa visa contribuir para o fomento dessas discussões no cenário da CI, a fim de possibilitar um maior aprofundamento nas reflexões sobre o papel da gestão do conhecimento no desenvolvimento da economia do conhecimento baseada nos saberes tradicionais dos povos tradicionais.

## **2 GESTÃO DO CONHECIMENTO E SABERES TRADICIONAIS**

Os estudos sobre a Gestão do Conhecimento (GC) transpõem diferentes áreas e espaços de discussões na ciência, dentre estas a CI, que promove uma reflexão epistemológica e de compreensão dos processos de conhecimento em âmbito organizacional (NONAKA; TAKEUCHI, 1995, 1997; DAVENPORT; PRUSAK, 1998; ALVARES; BATISTA; ARAÚJO JUNIOR, 2010; VALENTIM, 2004).

O conhecimento para a organização deve ser observado como a matéria prima nos estudos e aplicações da GC, tendo em vista que a correlação entre os tipos de conhecimento (tácito e explícito) representam uma dinâmica coletiva do processo de compartilhamento do conhecimento e âmbito organizacional (VALENTIM, 2004). Ainda segundo Valentim (2004), a GC pode ser compreendida como um conjunto de estratégias com o intuito de criar, adquirir, compartilhar e utilizar os ativos de conhecimento. Logo, o conhecimento para a organização representa um importante ativo gerencial, de modo a corroborar para apoiar o processo de tomada de decisão.

Assim sendo, observa-se que o conhecimento pode estabelecer relações sociais, culturais e organizacionais em um âmbito coletivo, podendo então agregar valor, ampliar a competitividade e gerar inovações (DE SORDI; AZEVEDO, 2007). Paralelamente ao conhecimento científico, pode-se compreender o papel e a relevância dos saberes tradicionais para os estudos sobre o conhecimento aplicado as organizações. De acordo com Carvalho e



Lelis (2015) os saberes tradicionais correspondem a um conjunto de informações oriundo do modo de fazer, criar, saber e das experiências que são transmitidas oralmente entre indivíduos de um determinado grupo, compartilhado de geração em geração, geralmente característico da cultura de comunidades locais.

Para Diegues (2000), os saberes tradicionais são caracterizados como conhecimentos tradicionais associados a um processo de autodenominação cultural e social das práticas e experiências compartilhadas entre comunidades tradicionais, que estão comumente relacionadas a biodiversidade. Dessa forma, ressalta-se que os saberes tradicionais são conhecimentos associados as práticas socioculturais e de biodiversidade, compartilhadas em grupos a partir de fluxos informacionais informais, construídas a partir das relações humanas (VALENTIM, 2005).

Os saberes tradicionais, de acordo com o Decreto nº 118/2002 são caracterizados como elementos que estão associados a utilização comercial ou industrial dos recursos naturais desenvolvidos a partir das tradições culturais e espirituais dos povos tradicionais, sendo possível materializar esse conhecimento tradicional em processo, produtos ou serviços que apresentam uma identidade própria, que beneficie uma determinada população tradicional (BRASIL, 2007).

Diante do exposto, no âmbito desta discussão, os saberes tradicionais estão relacionados com o processo de compartilhamento de conhecimento em âmbito coletivo, ao passo que esse tipo de conhecimento vem sendo utilizado para subsidiar a criação de novos serviços e produtos.

### **2.1 Povos e comunidades tradicionais e a economia da floresta em pé**

O Brasil é um país com características fortemente atreladas a diversidade étnica, racial e cultural, que envolve diferentes elementos identitários na sua estrutura social, como os povos e as comunidades tradicionais. Os povos tradicionais, ou povos originários, são grupos culturalmente agrupados por características específicas que são determinadas a partir de condições intrínsecas que os representam: organização social, religião, ancestralidade, reprodução cultural e social, costumes, crenças e outras características que simbolizam os seus conhecimentos originários. (DIEGUES, 2004).

Os povos e comunidades tradicionais são grupos que apresentam condições sociais, culturais e econômicas específicas, tendo como característica principal o estabelecimento



dessas relações com o território e o meio ambiente onde vivem (MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS, 2014). Logo, a determinação dessas características específicas institui para esses povos e comunidades tradicionais elementos de representatividade, como os recursos naturais e a preservação da memória e dos saberes tradicionais.

Historicamente, o desenvolvimento socioeconômico desses povos é baseado em atividades de subsistência, como a caça e a pesca, além do extrativismo e a utilização de técnicas de manejo da terra para a colheita, geralmente fundamentada no conhecimento tradicional das ancestralidades (DIEGUES, 2008). No entanto, essa realidade passa por um processo de modificação na condição desses povos em assumir um determinado protagonismo social e econômico, motivado por alguns fatores: políticas públicas governamentais, alterações nas legislações vigentes, incentivo e parcerias econômicas, dentre outros (DIEGUES, 2008). Surge nesse cenário a determinada *economia da floresta em pé*, que é baseada em um método de utilização e apropriação dos recursos naturais da floresta a partir de uma cultura de sustentabilidade e conservação ambiental, privilegiando a preservação da fauna e da flora (AFONSO, 2021) no processo de desenvolvimento de produtos e serviços.

A economia da floresta em pé, para além de um modelo econômico fundamentado nos princípios de conservação ambiental e dos recursos da floresta, constitui-se como uma alternativa viável para que os povos tradicionais viventes na floresta possam desenvolver serviços e produtos a partir da biodiversidade, tendo também a possibilidade de manter a sua tradição e os seus costumes locais (AFONSO; ANGELO, 2009). Nesse sentido, entende-se que a economia da floresta em pé representa um cenário socioeconômico importante para a conservação ambiental e para a garantia da autonomia econômica desses povos, aliando sustentabilidade ao desenvolvimento local.

## **2.2 A economia do conhecimento na Amazônia**

A *economia do conhecimento* é abordada em diferentes áreas e nichos de pesquisa. Ela é denominada como um novo modelo do capitalismo que alia a tecnologia ao desenvolvimento econômico a partir do aprendizado (WOLFF, 2005; SANTANA; RAMALHO, 2005; ABRAMOVAY, 2019). É considerada um fator de produção que fomenta uma nova teoria econômica baseada no conhecimento como insumo-base para gerar riquezas (CAVALCANTI; GOMES, 2001). No espectro das Ciências Sociais Aplicadas, a economia do conhecimento é considerada um processo de incorporação dos fluxos de conhecimento ao processo de



aprendizagem organizacional, capaz de aprimorar as suas decisões baseadas no conhecimento e na informação compartilhada a partir da intersecção de saberes com recursos da tecnologia da informação (VELOSO, 2005).

Para tanto, a economia do conhecimento representa o uso estratégico do conhecimento para gerar e agregar valor no contexto do processo de geração de produtos e serviços sustentáveis. Abramovay (2019) apresenta uma percepção da economia do conhecimento voltada para a conservação da floresta, especificamente na Amazônia, no sentido de compreender que os povos e comunidades tradicionais correspondem ao ativo intelectual de todo um cenário de possibilidades e potencialidades de desenvolvimento socioeconômico na região.

A percepção dos povos e comunidades tradicionais como protagonistas no processo econômico e produtivo local faz parte de uma compreensão sobre a necessidade de fomentar novas cadeias produtivas de sociobiodiversidade, que são produtos e serviços originados de recursos da biodiversidade para o beneficiamento dos povos tradicionais, ao passo que a economia do conhecimento estimula a construção de novas atividades produtivas de valorização da biodiversidade na Amazônia (ABRAMOVAY, 2019; RAMOS et al., 2017).

Além da necessidade de aprimorar o uso dos recursos naturais a partir de uma economia de conhecimento voltado para a natureza, compreende-se também que a Amazônia deve ser observada a partir de um modelo bioeconômico. A revolução 4.0 é um novo modelo constituído de um desenvolvimento tecnológico aliado aos recursos de biodiversidade da floresta, no qual a Amazônia está diretamente inserida nesse contexto de transição da economia industrial para o que ele denomina de bioindustrialização (FACHIN; MACHADO, 2019). Dessa forma, pode-se inferir que a Amazônia e a sua biodiversidade representam um nicho de potencialidades que tendem a promover a economia local e integrar atores sociais e locais, tais como: as populações amazônicas e as instituições de fomento a pesquisa.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este estudo teórico (MARCONI, LAKATOS, 2007) caracteriza-se como uma pesquisa descritiva, de natureza qualitativa com base em uma análise realizada a partir do mapeamento dos produtos registrados na plataforma Origens Brasil. Em uma primeira etapa, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre os temas basilares desse estudo: “Economia do conhecimento”, “Gestão do conhecimento” e “Saberes tradicionais”. Esse processo de coleta



de artigos científicos, *papers* e livros eletrônicos (e-book) sobre os referidos temas foi realizado nas bases de dados: SciELO - Brasil, Base de Dados de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), *Web of Science* e no Google Acadêmico, durante os meses de março e abril de 2022.

Foram recuperados 04 artigos científicos, 01 e-book e 02 textos completos publicados em anais. Sendo desses, apenas 02 artigos completos tratam conjuntamente da economia do conhecimento no âmbito da gestão do conhecimento e 01 e-book trata sobre os saberes tradicionais e a economia do conhecimento no contexto do processo de desenvolvimento de novos produtos e serviços.

Em uma segunda etapa, foi realizada uma análise das produções científicas indexadas no acervo digital do Instituto Socioambiental – ISA (<https://acervo.socioambiental.org/>)<sup>1</sup>, que armazena materiais bibliográficos e não-bibliográficos sobre os principais temas referentes aos povos tradicionais, meio ambiente e saberes tradicionais no Brasil. Também, foi realizada uma busca sistemática na plataforma Origens Brasil ([www.origensbrasil.org.br](http://www.origensbrasil.org.br)) sobre os produtos registrados.

Foram identificados 66 produtos cadastrados na plataforma até o mês de maio de 2022, organizados por território e com a descrição sobre a origem, processamento e a procedência (rastreadabilidade). Nesse contexto, as principais contribuições desse artigo envolvem o seguinte tema: A papel da gestão do conhecimento e dos saberes tradicionais no processo de desenvolvimento de produtos regionais da Amazônia.

Os resultados obtidos estão estruturados da seguinte forma: Apresentação da plataforma Origens Brasil que registra os produtos das cadeias produtivas da Amazônia bem como análise desses produtos; seguindo do mapeamento das redes de atores e dos fluxos de conhecimento da plataforma. No final, é apresentado as considerações finais e sugestões de trabalhos futuros.

---

<sup>1</sup> O levantamento realizado na base de dados recuperou 33 arquivos sobre “saberes tradicionais” e “economia do conhecimento”. Para “Gestão do conhecimento” não foi localizado nenhum arquivo. Dentre os 33 arquivos, 20 são artigos científicos, 03 teses/dissertações, 03 documentos e 07 vídeos (documentários).



#### **4 ANÁLISE DOS PRODUTOS REGIONAIS NA PLATAFORMA ORIGENS BRASIL®**

A Origens Brasil é uma plataforma digital que colabora para criar uma rede de negócios com serviços e produtos sustentáveis oriundos das cadeias produtivas da floresta, tendo como objetivo principal garantir a transparência nas relações comerciais desses produtos a partir das informações sobre a origem, procedência, áreas de conservação e a certificação sobre as atividades produtivas e atores envolvidos (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016).

A plataforma é gerenciada pelo Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola – IMAFLORA, em parceria com outras instituições de apoio, com a proposta de fomentar uma rede de colaboração entre os produtores (povos tradicionais da floresta), instituições e o consumidor por meio de um processo de garantia de transparência e rastreabilidade dos produtos identificado em um selo (*Quick Response Code* - QR Code) que permite compartilhar informações específicas sobre a origem, método de produção e a comercialização do produto (IMAFLORA, 2019).

A estrutura atual da plataforma Origens Brasil conta com diversos parceiros: empresas, organizações sociais, investidores e instituições de fomento a pesquisa. Atualmente, a plataforma está trabalhando nas seguintes regiões (Territórios): Xingu, Calha Norte, Rio Negro, Solimões e, mais recentemente em 2021, o território Tupi Guaporé. Essa região compreende uma faixa territorial de cerca de 26 milhões de hectares de áreas protegidas, cujos biomas compreendidos nesse universo é o Cerrado e a Amazônia, estando presentes comunidades indígenas, ribeirinhas e extrativistas nessa região (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2016).

A partir do estabelecimento do elo entre a cadeia produtiva dos negócios sustentáveis dos povos do Xingu, as empresas financiadoras e o consumidor final, a plataforma Origens Brasil tem a possibilidade de controlar os registros de informações sobre a origem dos produtos, a cadeia de valor, as empresas que comercializam, os locais de venda e os parceiros comerciais que estimulam as atividades.

Os produtos regionais registrados na plataforma Origens Brasil são produzidos por diferentes povos tradicionais e atendem a diferentes segmentos: gastronomia, artesanato, biocosméticos, calçados, bebidas, dentre outros. Dentro desse *ecossistema de economia da floresta em pé* existe uma rede de fluxos de conhecimento que perpassa entre os diferentes atores que compõem a estrutura do ecossistema, no qual o objetivo é mapear e identificar os



atores que compõem tais redes para estruturar os fluxos de conhecimento quando do processo de desenvolvimento dos produtos que estão registrados na plataforma.

#### 4.1 Um ecossistema da economia da floresta em pé: mapeamento das redes de atores e dos fluxos de conhecimento na plataforma

Para um mapeamento mais específico, observando que a plataforma agrupa centenas de produtos, a pesquisa foi delimitada para um (01) produto originário de cada território, tomando como base os seguintes critérios: (i) maior tempo de lançamento no mercado, (ii) estrutura de escoamento da produção consolidada e (iii) os produtos que apresentam dados completos sobre o seu registro – visto que alguns produtos recentemente catalogados na plataforma ainda não possuem informações completas sobre a sua produção. Sendo assim, para cada território ficou definido os seguintes produtos (Quadro 1):

**Quadro 1: Categorização dos produtos regionais analisados na plataforma Origens Brasil.**

<b>Território</b>	<b>Produto</b>	<b>Segmento de mercado</b>	<b>População tradicional/Grupo social</b>
<b>Xingu</b>  <b>Biomias:</b> Cerrado e Amazônia Considerada uma das regiões com maior diversidade socioambiental do Brasil.	<b>Cerveja Amazônica</b> Especificação: cerveja artesanal produzida a partir da farinha de babaçu, pacová e casca de limão. É comercializada pela empresa Colorado.	Bebidas	Extrativistas
<b>Calha Norte</b>  <b>Bioma:</b> Amazônia É considerada um dos maiores corredores de áreas protegidas de floresta tropical do mundo. É composto por quatro Estados: Pará, Amapá, Amazonas e Roraima.	<b>Pães Grão Sabor</b> Especificação: pão integral produzido com a Castanha do Pará e a Quinoa. É comercializado pela empresa Wickbold.	Gastronomia	Extrativistas
<b>Rio Negro</b>  <b>Bioma:</b> Amazônia Essa região é formada por dois Estados: Amazonas e Roraima. Abriga uma das áreas de maior conservação	<b>Pimenta Baniwa</b> Especificação: pimentas cultivadas organicamente a partir do método ancestral de desidratação e secagem, sendo moída com sal.	Gastronomia	Comunidades indígenas



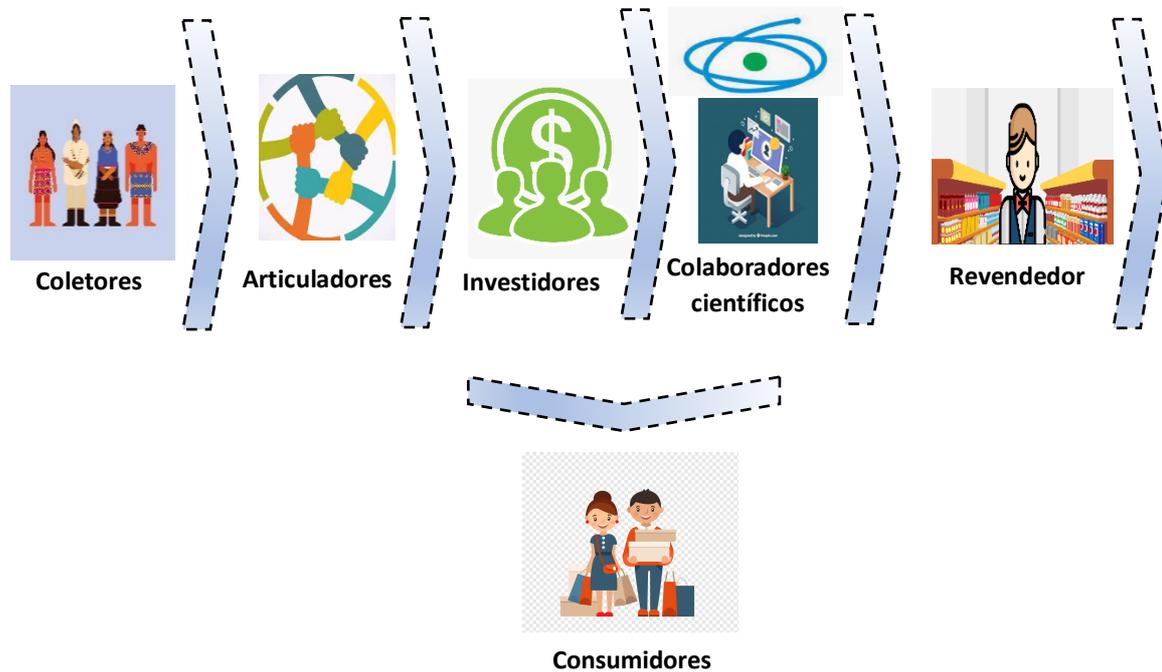
das populações nativas no Brasil.			
<b>Solimões</b>  <b>Bioma:</b> Amazônia Região inserida no Corredor Central da Amazônia (CCA) localizada no Estado do Amazonas. É um território que abriga diferentes grupos populacionais da floresta.	<b>Artesanato Molongó</b>  Especificação: artesanato produzido a partir do entalhe da madeira popularmente denominada de Molongó (Malouetia tamaquarina).	Artesanato	Extrativistas

**Fonte: Elaborado pelos autores.**

A partir dos dados coletados na plataforma Origens Brasil foi realizado o mapeamento das redes de atores e do fluxo de conhecimento com base nos produtos registrados no contexto dos cinco Territórios (Xingu, Calha Norte, Rio Negro, Solimões e Tupi Guaporé). A rede ecossistêmica de atores apresenta a seguinte composição: (i) coletores, produtores e criadores (povos tradicionais e trabalhadores de apoio), (ii) articuladores ou mediadores de inovação (organizações sociais e associações de produtores), (iii) investidores ou financiadores (empresas nacionais ou estrangeiras), (iv) colaboradores científicos (universidades, pesquisadores e agências de fomento), (v) revendedor (loja ou centro de revenda dos produtos), (vi) consumidores (regional ou nacional). O território Tupi Guaporé, por ter ingressado recentemente na plataforma Origens Brasil, ainda não apresenta nenhum produto registrado.

Com base nos dados coletados, infere-se que uma rede ecossistêmica da economia da floresta em pé na plataforma apresenta-se da seguinte forma (Figura 1):

Figura 1 - Ecossistema da economia da floresta em pé.



Fonte: Elaborado pelos autores com imagens extraídas da Internet.

O fluxo de conhecimento no contexto do processo de desenvolvimento de um produto, ocorre em diversos níveis e entre diversos atores envolvidos no processo, tornando o mapeamento um desafio. Isso se justifica uma vez que, o conhecimento constitui uma atividade eminentemente humana, sendo que, ao longo do tempo, diversas tentativas são realizadas no sentido de organizar, armazenar e disponibilizá-lo, tendo em vista, promover sua ampliação, bem como sua perpetuação para gerações futuras (SANTA ANNA 2017).

Os estudos de (STEWART, 1998; SVEYBI, 1998; DAVENPORT, PRUSAK, 2003; CHOO, 2006; TAKEUCHI, NONAKA, 2008; apud SANTA ANNA 2017) apresentam fluxos informacionais propõem modelos que delineiam os fluxos de informação e a transformação dessa informação em conhecimento, por meio das habilidades inerentes ao capital intelectual, as pessoas.

Diante do fluxo apresentado na figura 1, os atores do processo envolvem as pessoas. O início do fluxo é composto pelos *coletores*, que são os povos tradicionais e trabalhadores de apoio que são responsáveis pelo início do processo de produção. As atividades envolvidas nessa fase são: preparação e coleta de matéria-prima, organização local e atividades extrativistas. As informações obtidas e os conhecimentos gerados nesta etapa do processo são passados para as organizações sociais e associações de produtores, ou seja, os



*articuladores ou mediadores de inovação*, que realizam um papel de mediadores entre os interesses das comunidades com o plano de negócio dos investidores e financiadores.

Seguindo com a análise dos dados, os outros atores da rede, envolvem os *investidores e financiadores (empresas nacionais ou estrangeiras)*, que tem o papel de financiar o processo produtivo e todas as atividades que envolvem a cadeia de produção e comercialização dos produtos, principalmente no escoamento para o mercado e no desenvolvimento de estratégias de negócio. Esses atores são fundamentais no que tange o processo de melhoria da produção a partir do aporte financeiro em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D).

Os *colaboradores científicos*, que são representados pelas universidades, pesquisadores e agências de fomento, contribuem para o aprimoramento do conhecimento científico que corrobore para o beneficiamento da produção nas comunidades tradicionais. O suporte científico através das instituições de fomento a pesquisa ajuda, sobretudo, na prospecção tecnológica e de inovações que contribuam para otimizar o processo produtivo, bem como a garantia de melhorias para a cadeia de sociobiodiversidade.

O último ator da rede é caracterizado pelos *revendedores* dos produtos. Esses atores são representados pelo setor varejista e atacadista do mercado, tendo como representantes as lojas e centros de conveniências que adquirem o produto direto com os mediadores e atuam no processo de venda direta junto aos consumidores.

Para a análise da rede ecossistêmica, observou-se também a caracterização dos tipos de fluxo de conhecimento. De acordo com os estudos de Szulanski (1996), existem níveis de desdobramento dos fluxos de conhecimento em uma organização, sendo essas: (i) Iniciação (início do processo de transferência de conhecimento), (ii) Implementação (início dos fluxos de recursos entre o emissor e o receptor), (iii) Ramp-up (Início do uso do conhecimento transferido pelo receptor), e (iv) Integração (utilização do conhecimento transferido). Os fluxos de conhecimento possuem a capacidade de melhorar a eficácia no uso de uma rede coletiva de conhecimento organizacional a partir do processo de cooperação e sinergia entre os tipos de conhecimentos (SZULANSKI, 1996).

A partir da identificação dos atores que compõem a rede ecossistêmica da economia da floresta em pé na plataforma Origens, foi realizado o mapeamento dos atores a partir da



categorização dos produtos nos Territórios: Xingu, Calha Norte, Rio Negro e Solimões (Quadro 2).

O referido quadro apresenta a estrutura identificada a partir do mapeamento dos atores que compõem a rede ecossistêmica da economia da floresta em pé na plataforma foi estabelecida após a análise realizada em cada território. Cada produto identificado possui uma cadeia de atores que atuam no processo de circulação do fluxo de conhecimento, sendo: Coletores (Co), Articuladores (Ar), Investidores (In), Colaboradores científicos (Cc), Revendedor (Re) e Consumidores (Cons).

**Quadro 2 - Mapeamento da rede de atores e do fluxo de conhecimento nos territórios da plataforma Origens Brasil.**

Território	Produto Matéria-prima	Atores	Fluxo de conhecimento
<b>Xingu</b>	Cerveja Amazônica <i>Coco do babaçu</i>	<b>Co:</b> Extrativistas e produtores rurais <b>Ar:</b> Rede de Cantinas da Terra do Meio <b>In:</b> Cervejaria Colorado <b>Cc:</b> Universidades e Centros de Pesquisa e Inovação <b>Re:</b> Indústria cervejeira <b>Cons:</b> Brasil	
<b>Calha Norte</b>	Pães Grão Sabor <i>Castanha do Pará</i>	<b>Co:</b> Comunidade indígena – Xipayá <b>Ar:</b> ONG Amigos do Bem <b>In:</b> Wickbold <b>Cc:</b> Universidades <b>Re:</b> Supermercados e feiras de produtos orgânicos <b>Cons:</b> Brasil	
<b>Rio Negro</b>	Pimenta Baniwa <i>Pimenta Jiquitaia</i>	<b>Co:</b> Comunidade indígena - Baniwa <b>Ar:</b> Organização Indígena da Bacia do Içana (Oibi) e Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn) <b>In:</b> Instituto ATÁ <b>Cc:</b> Pesquisadores e Universidades	



		<b>Re:</b> Supermercados e Polos Gastronômicos <b>Cons:</b> Brasil e Estados Unidos da América	
<b>Solimões</b>	Artesanato Molongó  <i>Molongó (Malauoetia tamaquarina)</i>	<b>Co:</b> Extrativistas <b>Ar:</b> Fundação Amazônia Sustentável (FAS) <b>In:</b> Não detectado <b>Cc:</b> Não detectado <b>Re:</b> Galerias de arte <b>Cons:</b> <b>Brasil – Regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste.</b>	<pre>graph TD; Re[Re] --- Cons[Cons];</pre>

\*Legenda: Coletores (Co), Articuladores (Ar), Investidores (In), Colaboradores científicos (Cc), Revendedor (Re), Consumidores (Cons).

Fonte: Elaborado pelos autores.

Dentro dessa estrutura de rede, observou-se o papel de cada ator nos diferentes níveis de desdobramento dos fluxos de conhecimento na rede na cadeia de produção. O fluxo de conhecimento dá-se pelo seguinte encadeamento:

**Co – Ar (iniciação)**, sendo o início do processo de transferência do conhecimento, prevalecendo aqui o conhecimento tácito oriundo dos povos tradicionais que iniciam o processo produtivo na cadeia de sociobiodiversidade por meio das atividades de manejo, preparo e extrativismo dos recursos naturais da floresta.

**Ar – In – Cc (Implementação)**, nessa fase do desdobramento do fluxo de conhecimento ocorre a etapa de compartilhamento dos recursos entre o emissor e o receptor, logo, dá-se pela articulação junto aos investidores (In) e colaboradores científicos (Cc) na implementação do conhecimento, prevalecendo aqui o início de transformação para o conhecimento explícito a partir dos registros administrativos e de pesquisa. Nessa fase também ocorre o desdobramento da fase de *ramp-up*, que é o início do uso do conhecimento transferido pelo receptor, no qual podem ser destacados as atividades de P&D, prospecção tecnológica e de inovação e melhoramento da cadeia produtiva a partir das pesquisas.

**In – Cc – Re - Cons (Integração)**, nessa fase do desdobramento do fluxo de conhecimento há a efetivação do uso do conhecimento transferido, ou seja, é a transferência do conhecimento científico materializado no produto, que posteriormente é comercializado e obtido pelo consumidor por meio dos revendedores (Re).



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A plataforma Origens Brasil representa uma importante iniciativa para fomentar os modelos de negócio gerados na Amazônia, sobretudo com a valorização do conhecimento tradicional em prol na rentabilidade e da autossuficiência socioeconômica das comunidades tradicionais. Esse tipo de iniciativa tem demonstrado que aliar os saberes tradicionais, a sustentabilidade e a economia do conhecimento da natureza têm apresentado um caminho viável para gerar riquezas, conservando a floresta e impulsionando a economia local.

Os estudos sobre ambos os temas: saberes tradicionais e a economia do conhecimento, tem demonstrado o quanto é importante um aprofundamento nas pesquisas sobre esse tema na literatura científica, principalmente na CI. Isso se justifica uma vez que os estudos dessa natureza, envolvendo a GC, conforme foi discutido nesse estudo, podem apresentar uma perspectiva de análise para melhor compreensão das relações entre a economia do conhecimento, os saberes tradicionais e a cadeias produtivas de sociobiodiversidade.

Foi possível analisar na plataforma Origens Brasil as relações entre os saberes tradicionais e a economia do conhecimento no âmbito dos povos tradicionais da Amazônia por meio dos produtos registrados oriundos das cadeias produtivas de sociobiodiversidade. Os fluxos de conhecimento entre os atores que compõem as redes ecossistêmicas da floresta em pé constituem-se como um processo que perpassa pelo conhecimento tradicional local até o conhecimento organizacional, constituindo-se como produtos oriundos da floresta comercializados no mercado.

Posto isto, entende-se que essa nova economia do conhecimento na Amazônia está atrelada a um contexto socioeconômico que envolve aspectos intrínsecos da sociobiodiversidade, dos saberes tradicionais dos povos tradicionais da floresta e das parcerias vinculadas para gerar um modelo de negócio sustentável. Infere-se que essas discussões se demonstram interessantes para a CI, uma vez que os estudos sobre a GC em comunidades tradicionais podem corroborar para ampliar as perspectivas sobre o papel dessas comunidades no desenvolvimento socioeconômico por meio dos seus saberes tradicionais tangibilizados em serviços e produtos para a sociedade. Para pesquisas futuras, essa pesquisa busca contribuir para o fomento das discussões acerca dos saberes tradicionais



e da economia do conhecimento na Amazônia sob o olhar da GC, principalmente nas perspectivas da inovação social e sustentabilidade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Amazônia**: por uma economia de conhecimento da natureza. São Paulo: Edições Terceira Via; Abong; Iser Assessoria, 2019.

AFONSO, Sandra Regina. Produtos florestais não madeireiros: do extrativismo vegetal à bioeconomia da floresta. In: EVANGELISTA, Wescley Viana (Org.). **Produtos Florestais Não Madeireiros**: tecnologia, mercado, pesquisas e atualidades. Guarujá, SP: Editora Científica, 2021.

AFONSO, S. A. & ANGELO, H. Mercado dos produtos florestais não-madeireiros do cerrado brasileiro. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 19, n. 3, p. 315-326, jul.-set., 2009.

ALVARES, L.; BATISTA, S. G.; ARAÚJO JÚNIOR, R. H. Gestão do conhecimento: categorização conceitual. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 235-252, jul/dez 2010. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/15124>. Acesso em: 18 abr. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União, Brasília, DF: 7 de fevereiro de 2007.

BURCH, Sally. Sociedade da informação/ sociedade do conhecimento. In: AMBROSI, Alain et al (Orgs.). **Desafios de Palavras**: Enfoques Multiculturais sobre as Sociedades da Informação. Paris: C and F Éditions, 2005.

CARVALHO, Fábria Ribeiro Carvalho de; LELIS, Acácia Gardênia Santos. **Conhecimento tradicional**: saberes que transcendem o conhecimento científico. 2015. [Publica Direito]. Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=44b4596c7a979aa7#:~:text=Os%20saberes%20tradicionais%20comp%C3%B5em%20um,mas%20constituem%20parte%20da%20sua>. Acesso em: 17 abr. 2022.

CAVALCANTI, M.; GOMES, E. Inteligência empresarial: um novo modelo de Gestão para uma nova economia. **Produção**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 53-64, maio 2000.

DAVENPORT, Thomas H.; PRUSAK, Laurence. **Working knowledge**: How organizations manage what they know. Boston, Massachusetts: Harvard Business School Press, 1998.

DE SORDI, J. O.; AZEVEDO, M. C. Aspectos críticos ao processo de gestão do conhecimento a partir da decomposição e análise de competências individuais e organizacionais. In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO DA INFORMAÇÃO DA ANPAD, 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAD, 2007.



DIEGUES, Antonio Carlos. A etnoconservação da natureza. In: DIEGUES, A. C. (Org.). **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. 2. ed. São Paulo: Hucitec e NUPAUB, p. 1-46, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2008.

DIEGUES, Antonio Carlos. **Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais na Mata Atlântica**. São Paulo: Hucitec, 2004.

FACHIN, Patricia; MACHADO, Ricardo. **Amazonia e a bioeconomia: um modelo de desenvolvimento para o Brasil: entrevista especial com Carlos Nobre**. Instituto Humanas Unisinos. 2019. [Entrevista]. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/588962-bioeconomia-um-modelo-de-desenvolvimento-para-o-brasil-entrevista-especial-com-carlos-nobre>. Acesso em: 27 abr. 2022.

IMAFLORA. **Origens Brasil ganha Prêmio Internacional de Inovação para a Alimentação e Agricultura Sustentáveis da ONU**. 2019. Disponível em: <https://www.imaflora.org/noticia/origens-brasil-ganha-premio>. Acesso em: 28 abr. 2022.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Origens Brasil: negócio social que conecta empresas da floresta é lançado por ONGs**. 2016. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/origens-brasilr-negocio-social-que-conecta-empresas-e-povos-da-floresta-e-lancado-por-ongs>. Acesso em: 28 abr. 2022.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS. **Direitos dos povos e comunidades tradicionais**. [S.l.]: MPMG, 2014. Disponível em: <https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2022.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **The knowledge creating company: How Japanese companies create the dynamics of innovation**. Oxford University Press, New York. 1995.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de Conhecimento na Empresa**; tradução de Ana Beatriz Rodrigues, Priscila Martins Celeste; Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação do conhecimento na empresa: como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

RAMOS, Mariana Oliveira; CRUZ, Fabiana Thomé da; COELHO-DE-SOUZA, Gabriela; KUBO, Rumi Regina. Cadeias de produtos da sociobiodiversidade no Sul do Brasil: valorização de frutas nativas da Mata Atlântica no contexto do trabalho com agroecologia. **Amazon, Revista Antropologia (Online)**, v.9, n.1, p.98-131, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/203686/001086757.pdf?sequence=1&isAlloved=y>. Acesso em: 27 abr. 2022.

SANTANA, Marco Aurélio, RAMALHO, José Ricardo (Orgs). **Além da fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social**. São Paulo: Boitempo, 2003.

SANTA ANNA, Jorge. Modelo de fluxo do conhecimento nas organizações: proposta de mapeamento para construção e gestão de portal de periódico. **Revista Conhecimento em Ação, Rio de Janeiro**, v. 2, n. 2, jul/dez. 2017.



SZULANSKI, G. Exploring internal stickiness: Impediments to the transfer of best practice within the firm. **Strategic Management Journal**, v.17 (Winter Special Issue), p. 27-43, 1996.

VALENTIM, M. L. P. **Gestão da informação e gestão do conhecimento**: especificidades e convergências. Londrina: Infohome, 2004. Disponível em:  
[http://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=88](http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=88). Acesso em: 17 abr. 2022.

VALENTIM, M. L. P. Inteligência competitiva em organizações: dado, informação e conhecimento. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v.3, n.4, p.1-13, ago. 2002. Disponível em:  
[http://www.dgz.org.br/ago02/Art\\_02.htm](http://www.dgz.org.br/ago02/Art_02.htm). Acesso em: 19 abr. 2022.

VALENTIM, M. L. P. **Gestão da informação e do conhecimento e a importância da estrutura organizacional**. Londrina: Infohome, 2005. Disponível em:  
[https://www.ofaj.com.br/colunas\\_conteudo.php?cod=241](https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=241). Acesso em: 14 abr. 2022.

VELOSO, J. P. dos R. V. O Brasil e a economia do conhecimento: o modelo do tripé e o ambiente institucional. In: FÓRUM NACIONAL CHINA E ÍNDIA COMO DESAFIO E EXEMPLO E A REAÇÃO DO BRASIL... PARA CIMA RIO DE JANEIRO, 17., 2005, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www.inae.org.br/estudo/o-brasil-e-a-economia-do-conhecimento-omodelo-do-tripe-e-o-ambiente-institucional>. Acesso em: 29 abr. 2022.

WOLFF, Simone. **Informatização do trabalho e reificação**. Campinas, SP: Editora Unicamp; PR: EDUEL, 2005.